

FUGIR ERA PIOR: ELES PEGAVAM E MATAVAM

*Entrevista com um fugitivo
da Fazenda Vale do Rio Cristalino,
realizada em Cana Brava, Mato Grosso,
em 08 de agosto de 2000**

*Ricardo Rezende Figueira
José Ribamar Viana Nunes*

Sabe como é que é... Pessoa pobre sempre... Não tem como... A gente tem até que ir numa coisa dessas, não é? Para pagar uma mixaria. É um bom dinheiro? É nada! É para perder tempo mesmo.

José Ribamar, 2000.

Em 2000, eu preparava minha tese de doutorado a respeito da escravidão contemporânea e fazia entrevistas com esse objetivo. Depois de percorrer uma longa estrada poeirenta, em uma tarde quente, reencontrei José Ribamar em Cana Brava, Mato Grosso. Ele estava trabalhando na roça com um grupo de homens. Nessa oportunidade, entrevistei-o e me acompanhava a escritora inglesa Binka Le Breton. Por sugestão da Comissão Pastoral da Terra, ela preparava um livro sobre trabalho escravo.

Com 17 anos, morando também em Cana Brava, José Ribamar havia ido trabalhar, em 1983, na fazenda Vale do Rio Cristalino, que pertencia na época à Volkswagen do Brasil, no município Santana do Araguaia, Pará. Ribamar e outros dois de seus amigos, Libório e Francisco, aliciados no Mato Grosso, foram levados para a fazenda que tinha os dois empreiteiros ("gatos") mais temidos da região: Chicô e Abilão. Conse-

¹ Naquela oportunidade foram entrevistados

- José Ribamar Viana Nunes;
- Dona Delvesa Viana - avó de Ribamar;
- Francisco Resende de Sousa;
- Dona Cesarina - mãe de Francisco Resende de Sousa, e
- Dona Luzia

guiram escapar no mesmo ano e relataram aos seus familiares o que eles presenciaram ali e a notícia se espalhou. Ao saber da gravidade dos fatos ocorridos no imóvel, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Prefeito de São Felix do Araguaia e a Prelazia de São Félix preparam uma declaração deles e comunicaram à coordenação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do regional Araguaia-Tocantins, que abrangia o atual Estado do Tocantins, o sudeste do Pará e o nordeste do Mato Grosso. Sabendo do fato, por ser membro da coordenação do regional, fui ao Mato Grosso, e os conheci.

Após ouvi-los, consegui marcar por telefone uma audiência com o Governador do Pará, Jader Barbalho. Jader, recém empossado e com fama de combativo, pertencia ao chamado “grupo dos autênticos” do PMDB. Um dos jovens sobreviventes, José Libório, o mais velho dos três, com 18 anos, me acompanhou a Belém.

Como não confiávamos na isenção da polícia do município, queríamos que o governador nomeasse um delegado especial para realizar o flagrante do crime e libertar os que ainda estavam retidos ali. Apesar de agendado, o governador viajou para Brasília, sem antes suspender a audiência. Depois de avisarmos à assessoria do governador que precisávamos falar com ele e que iríamos a Brasília com este objetivo, José Libório e eu tomamos o avião mais uma vez. Na capital federal, soubemos que o governador, mesmo sabendo de nosso deslocamento, havia embarcado para o Rio de Janeiro. Por suspeitarmos que ele nos evitava, decidimos convocar uma coletiva de imprensa e fazer a denúncia, depois de consultarmos o então secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Luciano Mendes. O fato não repercutiu nacionalmente no primeiro momento, mas repercutiu fora. Principalmente na Alemanha. Conseguimos ainda que o jornal do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo publicasse seguidamente informações sobre o problema. E isso provocou reações. Algo a respeito desses fatos está no artigo de Benjamin Buclet, transcrito nesse número da revista.

Retornei à região para entrevistar diversas pessoas, entre elas os três jovens que eu havia conhecido quase 20 anos antes. O primeiro entrevistado foi José Ribamar. Não encontrei o adolescente que havia conhecido, mas um homem envelhecido prematuramente. Soube, só então, que Libório havia morrido. José Ribamar, ao se lembrar do amigo, não conteve as lágrimas.

O objetivo da minha entrevista naquele momento não era mais a denúncia, nem a libertação de algum trabalhador retido em alguma fazenda. Eu queria compreender melhor o problema, as pessoas que participavam de alguma forma desse processo de escravidão por dívida, o medo e suas razões e resistências, as relações de mando e obediência na família. Havia percebido através das entrevistas realizadas no Piauí com trabalhadores rurais que nem sempre *status* e prestígio eram sinônimos de poder. Os pais gozavam de grande prestígio e *status* na família, mas não conseguiam impedir que os filhos saíssem em busca de trabalho. Para não serem desobedecidos, ou não proibiam, ou fingiam não perceber que os filhos partiam. Havia algo comum também entre os aliciados para a escravidão, além da pobreza e da desqualificação profissional: muitos tardavam a estabelecer relação estável com uma mulher. E isso era visível não apenas com Ribamar, mas também com Francisco. Este continuava solteiro; aquele havia constituído só recentemente uma relação estável.

Na ocasião entrevistamos sua avó, Dona Delvesa, Francisco R. de Souza e Cesarina e Luzia, respectivamente mãe e avó do Francisco.

Como a maioria da população do nordeste do Mato Grosso nos anos 1980, Ribamar era católico e não havia nascido ali. Ele, seus pais e seus cinco irmãos eram de Cristalândia, Tocantins. Tinham um pequeno lote, que venderam e se mudaram, em 1972, para o Mato Grosso.

Ricardo Rezende Figueira – *Vocês compraram terra aqui?*

José Ribamar Viana Nunes: Não. No momento quando a gente chegou, não comprou. Agora nós compramos.

RRF - *Naquela época, quando vocês foram ao Pará, não tinham terra.*

Ribamar: Não tínhamos terra.

[...]

RRF - *Normalmente na casa de seu pai quem manda? O pai ou a mãe?*

Ribamar: Na casa do meu pai? Os dois iguais, não é?

RRF - *Você está casado.*

Ribamar: Estou.

RRF - *Você ainda tem que prestar obediência ao seu pai?*

Ribamar: Não. Talvez, não é? Se negócio errado fez, tem que corrigir.

RRF - *Você vai fazer um negócio. Tem que perguntar ao seu pai ou a sua mãe?*

Ribamar: Pergunto.

RRF - *O fato de ser casado, não quer dizer que você é completamente independente...*

Ribamar: Não. Aí, tem que perguntar.

RRF - *Mesmo depois de casado.*

Ribamar: Mesmo depois.

RRF - *E o irmão mais velho? Ele tem alguma autoridade sobre o mais novo?*

Ribamar: Ah, tem... Tem. É o mais velho. O mais novo tem que respeitar mais o irmão mais velho. Mesmo depois de casado. Tem. Por toda a vida.

RRF - *Você não tem filhos.*

Ribamar: Não, nenhum. Eu crio dois.

RRF - *Você está com essa mulher há quanto tempo?*

Ribamar: Está com um ano e uns dez meses por aí...

RRF - *Qual é o nome dela?*

Ribamar: Silvana de Oliveira do Lago.

RRF - *A Silvana foi a sua primeira mulher?*

Ribamar: Não. A segunda. Seis meses só que a gente morou junto.

RRF - *Mas tem quanto tempo isso?*

Ribamar: Quer ver? Tem... cinco anos. Ela era separada do marido mesmo.

RRF - *Por que demorou para se casar?*

Ribamar: Problema econômico, mesmo. Não tinha dinheiro (...) Ficava só trabalhando de um lado para outro.

[...]

RRF - *Seu pai mexia com quê?*

Ribamar: Mexia com trabalho em chácara.

RRF - *Ele era do Sindicato dos Trabalhadores Rurais?*

Ribamar: Era.

RRF - *Ele tinha algum cargo no Sindicato?*

Ribamar: Não. Nenhum.

RRF - *Você nasceu em Tocantins?*

Ribamar: Em Tocantins. Em Cristalândia. Sai lá de com quatro anos. Mas nós não viemos para Cana Brava direto. Viemos para Chapadinha, perto de São Felix (...) Nunca tinha saído. Essa saída [para a fazenda da Volkswagen] foi o seguinte: chegou um rapaz aí que era irmão de... como é o nome dele?

Binka Le Breton - *Abilão?*

Ribamar: Não. Não era Abilão. Era outro.

[Interrupção]

RRF - *Ribamar você se refere a Batista, irmão de Chicô?*

Ribamar: Hum, hum...

RRF - *O Chicô era o "gato"?*

Ribamar: Era o "gato".

RRF - *E Batista, qual era a função dele?*

Ribamar: Carregava peão para ele. Com mentira. Ele veio aqui na Cana Brava porque ele tinha morado na região também. Morava na região. Ele conhecia dois meninos que eram amigos meus que estavam junto comigo. Ele conhecia o Zeca. Conhecia o Doca. Conhecia assim, porque ele morava aí, não é? O Zeca conhecia o Batista.

RRF - *O Zeca é o Zé Libório, que morreu?*

Ribamar: O Zé Libório. Aí eu estava na lá na rua também e ele mesmo [o Zeca] e me convidou para ir junto com ele. Até eu falei:

– "Rapaz, nós não conhecemos esse cara, a gente vai entrar nisso aí"?

– "Não, mas ele é conhecido nosso". [Respondeu Zeca].

[...]

RRF - *Você tinha ouvido algo a respeito dos problemas que havia nas fazendas?*

Ribamar: Não tinha ouvido nada porque nós moramos aqui na região e sair de um Estado e ir para outro...

[Fica em silêncio].

RRF - *Você tinha medo dessa viagem?*

Ribamar: Tinha. Porque se lá fosse bom, lá mesmo eles pegavam trabalhador, lá mesmo, não é? Não tinham que sair na estrada para pegar.

Porque o povo de lá não vai trabalhar para ele? Fiquei desconfiado (...) Foi lá na minha casa e na casa dos meninos tudinho. Ele procurou meu pai... Ele conversou lá e meu pai procurou por ele também.

– “E esse serviço não tem rolo não”?

– “O menino pode ir tranqüilo”. [Respondeu Batista].

– “Lá joga bola”? [Perguntou o pai].

– “Joga. Lá na fazenda tem campo”. [Respondeu Batista].

Inclusive, até na época eu jogava bola. Levei chuteira, levei meião. Tudinho. E lá, durante uns tempos, ninguém nunca jogou bola. O pai falou assim:

– “Pode ir”.

Mas preocupado. No começo ele ainda falou para mim não ir. Mas tava junto com os amigos que iam, não é? Aí eu falei para ele:

– “Não, eu vou vencer nesse mundo”.

RRF - *Então você desobedeceu? Ele não queria que você fosse.*

Ribamar: Ele não queria.

RRF - *E a mãe?*

Ribamar: A mãe também... Mãe falou nadinha mas não gosta[va] também.

RRF - *Você estava falando que o filho tem que obedecer ao pai.*

Ribamar: Mas só que desse lado aí, eu fiz errado. Errei. No caso fiz muito errado. E fui com Zé Libório, com José Diamante que é... o Zé... Foram sete (...) [Fomos] no caminhão mesmo, sem lona. Aberto (...) Na Vila Rica naquela época não existia polícia na beira da estrada... Nenhuma barreira tinha. Daqui de Cana Brava foram só nós mesmo.

RRF - *Tinha gente de outras regiões...*

Ribamar: De Porto Alegre [Batista] pegou [gente] também. De Porto Alegre não tenho nem noção. Da Vila Rica, também pegou. Parava em cada lugar e pegava um, pegava dez. E aí não sei.

RRF - *Na viagem quem pagava a comida para vocês?*

Ribamar: Era ele mesmo.

RRF - *Receberam algum abono?*

Ribamar: Deu naquela época uma mixaria, muito pouco. Base de... Esqueci. Dinheiro mínimo. Também não lembro mais (...) Nós não fizemos nada [com o dinheiro] porque não dava para fazer nada.

RRF - *No caminho beberam cachaça?*

Ribamar: Não. Naquela época nós não tomávamos. Era tudo de menor... Tinham dois maiores. Mas não tomaram também não. O caminhão ia cheio de gente (...) [Os trabalhadores] não se conheciam. Assim no começo brincavam; daqui para Vila Rica [o grupo] só contava história que ia sair todo mundo bem. Mas bem quando nós chegamos lá em Santana, na Barreira Nova que tem agora [no Pará], logo de manhã cedo tinha mais um bocado de companheiros que iam também. O rapaz estava bem tomado de pinga, não queria subir no caminhão. Ele [o empreiteiro Chicô] pegou o rapaz, até assim no fundo da calça e jogou em cima do caminhão. Era [trabalhador] maior [de idade]. Era uma pessoa já bem idosa mesmo. De lá para frente a gente começou ficar triste, já. Logo no começo fazer isso. E lá no mato? Como é que...? Quando chegou lá na fazenda, lá no meio da mata da Fazenda [Vale do Rio Cristalino, que pertencia à empresa] Volks, nós pensamos que a gente ia trabalhar com o menino, com o Batista. Chegou lá, ele falou:

– “Agora o negócio é o seguinte, vocês vão trabalhar com esse rapaz aí”.

E não [era] o Chicô, que nós não vimos [antes]. Estava só o pistoleiro da cantina. Até o Zeca procurou [perguntou]. [Batista] disse:

– “Não. Meu trabalho é trazer eu trouxe e estou indo já”.

Deixou a gente lá e foi embora. Nunca mais eu vi ele.

RRF - *Mas ele morava aqui?*

Ribamar: Ele morava na época. Ele morava aí na época. Os meninos conheciam ele. Fomos trabalhar porque era conhecido, mas ele não morava aqui na região mais. Ele já morava para lá.

RRF - *Quando vocês entraram na fazenda tinha uma guarita, não tinha?*

Ribamar: Tinha.

RRF - *Ela parou o carro e olhou quem estava dentro?*

Ribamar: Ela parou o carro, deu revisão dentro das bolsas, tinha armas. Até uns que tinham faca, eles pegaram. Aplicou remédio também. Disse que era contra febre amarela. Vacinou. Entrou todo mundo vacinado.

RRF - *Falaram se era proibido levar arma?*

Ribamar: Falou. É justamente o que eu estou falando. Eles abriram a bolsa e deram revisão dentro.

RRF - *Podia levar bebida?*

Ribamar: Não. Também não podia. Se tivesse algum álcool dentro da bolsa eles pegavam.

RRF - *Tinha mulher no meio dos trabalhadores?*

Ribamar: Que eu me lembre, não.

RRF - *Vocês foram entregues ao Chicô?*

Ribamar: Não. Fomos entregues para os pistoleiros do Chicô. O Chicô não estava lá. Fomos entregues para os fiscais, para o cantineiro. Nós dormimos, nós jantamos na cantina, deu bóia para nós, deu comida. No outro dia cedo, ele chamou cada chefe de turma lá na cantina. E fez a folha de cada um. Falou:

– “O negócio é o seguinte: de hoje em diante, vocês vão comer à conta de vocês. Vão trabalhar, mas vai ficar a parte a conta de vocês”.

Aí passou no outro dia, levou cada qual no seu lugar e mostrou:

– “Você vai ficar aqui, trabalhar aqui”.

Tudo certinho, viu? Era roçar.

RRF - *Mas, você disse que ele chamou o chefe de turma. Como era escolhido esse chefe de turma?*

Ribamar: Escolherem o chefe de turma no dia seguinte. Quando chegavam lá procuravam pelo chefe. Nós éramos cinco pessoas, aí caçava um e dizia:

– “Você vai ser o chefe então”.

O grupo que escolhia. Nós éramos cinco, tinham dois mais velhos. O Zeca era o mais velho e foi escolhido como chefe. Ele era o mais velho também, tinha mais experiência. Era a primeira vez que nós saíamos também.

RRF - *Vocês o escolheram por causa da experiência?*

Ribamar: Por causa da experiência que ele tinha. Ele já tinha trabalhado antes.

RRF - *Você tinha 17 anos. Tinha outro que tinha menos de 18?*

Ribamar: Tinha o Doca.

RRF - *Vocês eram um grupinho de cinco, que vocês chamavam de time.*

Ribamar: Hum, hum.

RRF - *E a comida? Quem fazia comida?*

Ribamar: Nós mesmos. Revezávamos. Uma semana um cozinhava, outra semana outro cozinhava...

RRF - *E quem cozinhava, só cozinhava naquela semana? Não fazia mais nada, não?*

Ribamar: Não. Cozinhava e trabalhava.

RRF - *Trabalhava também?*

Ribamar: Hum, hum. No roço também.

RRF - *O preço da cantina era mais alto que em Cana Brava?*

Ribamar: Era muito mais.

RRF - *E isso preocupou vocês?*

Ribamar: Preocupou. Toda vida. Porque pensa bem: sair daqui da região, vai trabalhar, você vai pensando que vai ganhar alguma coisa. Chega lá, roubou. E como faz? Preocupava. Só trabalhava pensando no...

RRF - *Vocês reclamaram com o cantineiro?*

Ribamar: O Zeca, que era o chefe do meu grupo, reclamou e o cantineiro achou ruim. O cantineiro falou o seguinte:

– “Se quiser trabalhar... Se não quiser é assim mesmo. Não vai embora, não”. Tem que trabalhar. Não podia ir embora.

RRF - *Vocês caçavam ou pescavam para economizar?*

Ribamar: Não. Nós não caçávamos e nem pescávamos porque não tinha como. Não tinha linha de pescar, não tinha vara, não tinha nada. Não tinha. Desse jeito.

RRF - *Tudo tinha que ser comprado.*

Ribamar: Tinha que ser comprado.

RRF - *E o que vocês comiam?*

Ribamar: Comíamos carne de gado, ainda mais ruim. E tinha mesmo que fazer economia para não ficar devendo, mas ficava, não é?

RRF - *Além de carne o que vocês comiam?*

Ribamar: Só isso mesmo, só carne, arroz e feijão. Farinha tinha também. Quem cozinhava melhor era o Zé.

RRF - *E qual era o pior?*

Ribamar: Não... Mesmo não tendo pior, mas é meio difícil a gente também falar assim...

RRF - *É difícil falar?*

Ribamar: Porque todo mundo é companheiro.

RRF - *Sei. Vocês brigavam entre vocês?*

Ribamar: Não. Às vezes discutia assim, mas é com o Libório. Assim sobre a viagem.

– “O que a gente veio fazer aqui? Pensar que a pessoa era uma pessoa boa, o Batista fazer uma coisa dessa com a gente”.

Os outros também reclamavam, mas também não conheciam. Eu às vezes até falava:

– “Um cara que é conhecido não faz isso pra gente, um negócio desse, com um conhecido, um amigo...”

RRF - *Vocês estavam um pouco revoltados com os dois meninos que conheciam o “gato”?*

Ribamar: Mas, tudo era amigo, estava todo mundo preso já.

RRF - *Vocês tinham muito medo?*

Ribamar: Não. Não tinha muito medo por que... Medo sim, era se fugisse. Mas nós fizemos um acordo que ninguém fugisse, viu? Porque fugir era pior: eles pegavam e matavam.

BLB - *Vocês ouviram falar de que outras pessoas fugiram?*

Ribamar: Nós ouvimos falar e nós mesmos vimos. Pessoas fugiam, que pegou e baleou o rapaz na história, na história não. Na verdade mesmo, vimos um rapaz baleado lá.

BLB - *Apanharam e balearam?*

Ribamar: Baleou

BLB - *Chegaram a matar?*

Ribamar: Não. Chegar a matar, nós não vimos. Não vimos porque na cantina era rápido o prazo. Tinha que voltar para trabalhar. Mas o rapaz baleado nós vimos deitado na rede. Espancaram também.

RRF - *Não bateram na frente de vocês.*

Ribamar: Não, isso nós não sabemos. Nós conversamos com ele porque ele vivia na Vila Rica e foi baleado. Ele pegou amizade com o nosso menino aqui perto também.

RRF - *E na volta, vocês encontraram com ele?*

Ribamar: Na volta, não. Ele ficou para trás

RRF - *Ele era mais novo ou mais velho que vocês?*

Ribamar: Mais velho. Naquela época ele tinha uma base de uns 20 anos, 19 ou 20.

RRF - *Tinha gente de outros Estados ou só aqui do Mato Grosso?*

Ribamar: Tinha gente do Pará. Tinha do Mato Grosso. Tinha do Tocantins.

RRF - *Nos outros times, houve briga?*

Ribamar: Um rapaz de Porto Alegre chamava Sansão. Acho que até já mataram ele também lá. Eles eram seis companheiros no barraco, no mesmo dia que nós saímos eles fizeram uma briga lá no barraco. Esse Sansão matou um rapaz depois. Outro trabalhador. De foice.

RRF - E porque ele matou?

Ribamar: Matou acho que por causa de jogo de baralho. Eles estavam jogando de noite lá e discutiram. De manhã cedo, eu acho assim... Pela mente da gente, que ele tava revoltado de estar num lugar desse também. Mas não precisava ninguém fazer esse tipo de coisa.

RRF - Vocês também jogavam baralho?

Ribamar: Não. Só eu que não jogava no barraco. Porque eu nunca gostei de jogo. Jogava só bola mesmo.

RRF - E bola vocês jogavam?

Ribamar: Não. Bola nós nunca jogamos não.

RRF - Não tinha campo?

Ribamar: Tinha campo. Eles não levavam nós lá.

RRF - Vocês pediram para ir?

Ribamar: Não adiantava nem pedir, porque eles não levavam.

RRF - E o baralho? Levou ou comprou lá?

Ribamar: O menino levou.

RRF - À noite, vocês usavam que iluminação?

Ribamar: Era de candeia com óleo diesel. A candeia nós mesmo fizemos de litro de óleo de soja.

RRF - O barraco de vocês era coberto de plástico preto ?

Ribamar: De plástico preto. Igualmente a esse daqui que está aberto.

RRF - Era aberto ou fechado?

Ribamar: Aberto.

RRF - Tudo aberto?

Ribamar: Tudo aberto. Dormindo em rede.

RRF - E o frio?

Ribamar: Era muito, mas fazer o quê? Mas fazia de manhã cedinho.

RRF - À noite não?

Ribamar: À noite, não. Levantava de madrugada, todo mundo com frio e fazia fogo. Já fazia um fogo para cozinhar e aproveitava aquele fogo para esquentar um pouquinho.

RRF - *Tinha rádio?*

Ribamar: Rádio, nós não tínhamos não.

RRF - *Você sabe ler e escrever?*

Ribamar: Sei.

RRF - *Naquela época você sabia?*

Ribamar: Sabia.

RRF - *Se quisesse mandar uma carta, podia?*

Ribamar: Não podia mandar, porque eles não mandavam. Não tinha como. Nem traziam carta.

RRF - *Você era novo. Isso deve ter te angustiado muito...*

Ribamar: Mas fazer o quê? Ficava triste, mas o que fazer? Fazer o quê?

RRF - *Chegou a chorar?*

Ribamar: Não.

RRF - *De saudade de pai, de mãe, do irmão...*

Ribamar: [Ele chora].

[Interrupção. A razão do choro foi a lembrança de Libório que havia morrido]

RRF - *Te emociona? Você era muito amigo de Libório?*

Ribamar: Muito amigo dele. Toda vida fui amigo dele. Ele era também de maior, pessoa que tinha mais competência mesmo. Tinha muito mais... Segurança. Que mais...

RRF - *Aí ele ajudava vocês, nesse momento.*

Ribamar: Hum, hum...

RRF - *Ele acabou sendo uma espécie de pai, não é? Porque você tinha 17, ele devia ter 24. Diferença de sete anos.*

Ribamar: É... Nesta base.

RRF - *Na época era muito?*

Ribamar: Era.

RRF - *E amigos? Tinha algum irmão entre vocês?*

Ribamar: Não. Só amigos mesmo. A mesma coisa de irmão. Éramos criados juntos. A gente jogava bola direto. Todo final de semana que ia, jogava

RRF - *Aqui fala de dois que ficaram. Um tal de Alonso e outro. Eles voltaram depois?*

Ribamar: Voltaram.

RRF - *Eles ainda estão aqui?*

Ribamar: Um, parece, mora na Confresa. Mas até uns dias agora eu vi ele na Cana Brava.

RRF - *O que ele faz hoje?*

Ribamar: Ele mexe com posse também. Já é um senhor, já velho.

RRF - *Mas, me diz uma coisa: você ficou em dúvida se ia ao Pará. Por que foi? Era por causa do dinheiro ou tinha outra razão?*

Ribamar: É por que... Sabe como é que é... Pessoa pobre sempre... Não tem como... A gente tem até que ir numa coisa dessas, não é? Para pagar uma mixaria. É um bom dinheiro? É nada! É para perder tempo mesmo.

RRF - *Foi por causa do dinheiro mesmo?*

Ribamar: Isso é.

RRF - *Mas também por causa da amizade?*

Ribamar: Por causa da amizade mesmo. O menino que era conhecido muito tempo aqui. Morou muito tempo aqui, mas depois foi embora. Mas isso não quer dizer quase nada. Tem muito amigo também que é ruim, também.

RRF - *Você era novo. Era um grupo de amigos.*

Ribamar: Também tem disso, conhecer também, conhecer outra região, não é?

RRF - *Você acha que pensou nisso também?*

Ribamar: Pensei também. O pessoal achou que era uma boa... Pensei nisso também.

RRF - *Um pouco de aventura?*

Ribamar: É... Mas não sabendo aonde nós íamos entrar... Nem imaginava. [Pensava ser] uma coisa boa de se fazer. Que a gente ia passear também, se quisesse.

RRF - *Você tinha sonho de comprar alguma coisa?*

Ribamar: Pensei. Pensava de comprar uma moto, uma coisa qualquer... Mas não.

RRF - *Roupa, você chegou a pensar?*

Ribamar: Cheguei. Mas como é que compra?

RRF - *Mas você pensou primeiramente numa moto.*

Ribamar: Foi.

RRF - *Vocês conversavam com os pistoleiros?*

Ribamar: Conversava. Conversava só com um que era um tal de Ceará.

RRF - *E como eram as conversas?*

Ribamar: Não... Conversava com eles muito pouco, se nós íamos embora mesmo ou não.

RRF - *O tipo de conversa era assim? Não era aãssim bater papo, não?*

Ribamar: Não. Porque assim só com amigo, não é?

RRF - *Não era amigo dele.*

Ribamar: Não era amigo, não. Nós fizemos amizade nessa base.

RRF - *Tratavam bem ele para ver se escapavam vivo.*

Ribamar: Para ver se ele liberava a gente, para a gente vir embora.

RRF - *Vocês tinham medo de serem mortos, de nunca deixarem vocês saírem?*

Ribamar: Isso toda a vida a gente pensa, não é? Chegamos a pensar. Mas nós não fugimos com medo de ser morto. De ser morto na fuga. Disseram que matavam, né? E aí nós fomos trabalhar mais e mais e mais.

RRF - *Vocês nunca pensaram: — “Vou falar com o dono da fazenda porque às vezes ele não está sabendo disso”?*

Ribamar: Nós? Chegar a pensar, chegamos, mas não tem como chegar lá.

RRF - *Por causa da distância?*

Ribamar: Não, não é por causa da distância, porque você vê: onde se trabalha todo o tipo de gente, o dono da fazenda só chega lá, só tem conversa com o gerente. Não conversa nem com negócio de “gato”. O gerente é que conversa com o “gato”. Aí, pega e vai embora... Ninguém sabe nem como.

RRF - *Você acha que o gerente sabia?*

Ribamar: O gerente? Sabia.

RRF - *Sabia de tudo?*

Ribamar: Sabe. Sabia.

RRF - *Porque você acha que ele sabia?*

Ribamar: Eu acho que ele sabia porque nós entramos na fazenda. Toda fazenda tem direito de saber quantos trabalhador tem dentro.

RRF - *Certo.*

Ribamar: Tem guarita própria na fazenda, só para isso. Tem 50, 100, duzentos. Mil funcionários. Ele tem que dar conta disso.

RRF - *Ele sabe quantos tem. Mas, será que ele sabia do que estava acontecendo com vocês?*

Ribamar: Eu acho que o dono da fazenda não sabia. Mas o gerente sabia. Porque o próprio fazendeiro quando vai pegar trabalhador quem pega é o gerente.

BLB - *O gerente da fazenda era estrangeiro?*

Ribamar: Se era estrangeiro? Não cheguei a conhecer ele. Nunca vi ele.

RRF - *Ele não foi onde vocês estavam?*

Ribamar: Ele não foi lá, não.

BLB - *Vocês chegaram a conversar com o pessoal dos outros times?*

Ribamar: No final da semana, às vezes nós encontrávamos outros, de mais perto que a gente estava, não é? Geralmente, teve até um rapaz de menor e um senhor já de maior que fugiu, foi embora. Mas fugiu do barraco, mandado embora não sei, se saíram. Só sei que fugiu. Não sei se conseguiram [escapar].

BLB - *Foram quantos?*

Ribamar: Dois. Um rapaz de menor e um senhor de mais idade.

BLB - *Nunca mais deram notícia?*

Ribamar: Nunca mais deram notícia.

BLB - *A conversa de vocês e os outros times, todo mundo pensava a mesma coisa?*

Ribamar: Pensava a mesma coisa.

BLB - *Achavam ruim?*

Ribamar: Achava ruim. Só trabalhava e não tirava folga, nada disso. Tinha vontade de ir embora.

BLB - *E como foi o negócio de pagamento? Você chegou a receber?*

Ribamar: Não... Não. Recebi, mas era depois.

BLB - *E o trato? Como foi antes de você sair? O que o “gato” falou para vocês?*

Ribamar: O “gato” falou o seguinte: nós trabalhávamos e depois acertava tudo direitinho e pagava tudo correto. Nós fizemos um lote, fomos acertar e não tivemos saldo. Aí, fizemos um outro lote... Ceará fingia ser muito amigo nosso, sabe? Aí, nós conversamos com ele e ele falou assim:

– “Não... Nós vamos deixar vocês irem embora”.

Aí nós já ficamos mais assim, não é? Mas nós fizemos um lote de 50 alqueires e não tivemos saldo. Aí nós fizemos outro e nós pensamos que tínhamos saldo. O cantineiro falou para nós não irmos embora. Ai o Zeca, que era o chefe do time do nosso grupo, foi acertar com ele, mas ficamos devendo a ele. O Zeca, falou:

– “Nós vamos embora”.

– “Não, vocês não vão embora”.

Aí o Ceará ficava pau [bravo]. Até de tarde, quando ele apareceu. Aí o Zeca conversou com o cantineiro, o cantineiro ficou bravo até com o Ceará, quase.

– “Os meninos já trabalharam muito. Deixa, eles irem embora”.

Aí nós pegamos, saímos a pé. Nós saímos a pé lá da cantina. Viajamos base uns dez quilômetros. Aí tinha um carro que veio deixar peão para o Abilão. Esse era outro “gato”, mas tudo junto. Teve o cuidado e perguntou se nós íamos embora a pé. Nós falamos:

– “Ô”.

Ele:

– “Vocês tiraram saldo”?

Nós falamos:

– “Não. Nós labutamos, mas não tiramos nada não”.

Ele falou:

– “Vocês esperam, pois tem o carro do meu pai chegando perto da lagoa”.

Foi desse jeito.

RRF - *No depoimento que vocês deram em 1983, consta que vocês disseram ao cantineiro que precisavam se apresentar ao Exército...*

Ribamar: Dois rapazes eram alistados. O Zé e o Zeca Libório. Aí foi o caso que nós saímos:

– “Temos que nos sentar no serviço militar”.

– Acho que ele ficou com medo.

RRF - *Por isso o cantineiro deixou vocês saírem? Ele deu uma autorização por escrito para vocês saírem?*

Ribamar: Deu.

RRF - *O que vocês fizeram com esse papel?*

Ribamar: Esse papel veio escrito para nós. Quando chegou lá na guarita, a gente teve que dar para o guariteiro.

RRF - *E era um papel só com o nome de todos ou...*

Ribamar: O nome de todos.

RRF - *Era um papel só ou muitos papéis?*

Ribamar: Era um papel só.

RRF - *Porque ficaram dois – Paulo e Alonso – e vocês conseguiram sair?*

Ribamar: O Paulo e o Alonso? Acho que eles ficaram porque eles eram de maior também.

RRF - *Eles estavam no time de vocês?*

Ribamar: Eles estavam no outro time. Eles não estavam no nosso time também.

RRF - *Você disse que vocês combinaram que não iam fugir. Como foi? Alguém de vocês achava que deviam fugir?*

Ribamar: Teve um que falou que ia fugir. O Pedro Valdo mesmo chamou nós para fugir de lá.

RRF - *E quem é que achou que não dava para fugir?*

Ribamar: Eu achei que não devia fugir.

RRF - *E o Libório?*

Ribamar: O Libório foi fazer plano. Às vezes de fugir; ou às vezes de não fugir. Digo, não dá para nós fugirmos.

RRF - *Além de você, outro achou que não devia fugir?*

Ribamar: Daí, todo mundo concordou. A idéia foi minha de não fugir. O Zé falou logo:

– “Nós não vamos fugir não. Nós vamos trabalhar”.

RRF – *O José Pereira de Souza, o Jamanta. Qual foi a posição dele?*

Ribamar: Ele concordou comigo que nós não devia fugir.

RRF - *Qual era a idade dele?*

Ribamar: A idade dele... Já tinha... Era um dos alistados também: 19 anos... 18 ou 19.

RRF - Quando você falou – “Não vamos fugir”, qual foi a reação do pessoal?

– “Você é muito medroso”... Não houve isso?

Ribamar: Eu ouvi do Pedro Valdo que até falou isso.

RRF - O Pedro Valdo achou que você era medroso?

Ribamar: Achou que eu era medroso. Mas estava vendo que não pode. Ia perder a vida de qualquer jeito. Não tem como.

RRF - Você contou ter encontrado com o filho do Abilão.

Ribamar: Do Abilão.

RRF - E prometeu transporte. E o Abilão te transportou?

Ribamar: Foi na feira e na volta ele trouxe nós. Deixou bem nós na ladeira de trás, num botequinho que fica no rumo de Redenção. Lá na saída da fazenda.

RRF - Era casa de tábuas?

Ribamar: Não lembro.

RRF - Vocês não tinham nenhum dinheiro? Estavam com fome?

Ribamar: Até o homem lá deu até uma coisa para nós comermos. O dono do boteco.

BLB - Vocês chegaram lá que horas?

Ribamar: Seis e meia, sete horas da noite.

BLB - Vocês saíram depois do almoço? Duas horas... três horas...

Ribamar: Não. Saímos da fazenda lá era para essa base mesmo. Já tínhamos almoçado.

RRF - Estavam levando a rede?

Ribamar: Estávamos.

RRF - Vocês compraram ferramenta para trabalhar lá dentro?

Ribamar: Compramos tudo mesmo lá. Compramos a foice, compramos machado.

RRF - Quando vocês saíram, carregaram isso?

Ribamar: Não, deixamos tudo. Tudo ficou para trás.

BLB - E naquele boteco? O que vocês fizeram?

Ribamar: Nós dormimos lá [...] não gastou, era mixaria. Deu para nós pagarmos a passagem até Santana [do Araguaia, no Pará]. Nós descemos do ônibus. O tio do Francisco morava lá. Nós fomos para casa dele

e dormimos uma noite. No outro dia saímos a pé. Quando saímos da rua em Santana, tinha um rapaz que trabalhava num frigorífico. Nós seguimos a pé. Os homens, que trabalham puxando gado, vinham para Vila Rica. Fizemos sinal para ele, ele parou e nos trouxe até Vila Rica. Teve três que vieram para Cana Brava. Vieram o Zeca, o Francisco e o Pedro Valdo, vieram embora. Eu e o Zé Libório fomos trabalhar para um rapaz conhecido nosso. Para chegar sossegado.

BLB - *E quando chegaram aqui, você fez um depoimento?*

Ribamar: Se alguém fez um depoimento? Sim. O José contou para algumas pessoas. Aí tinha o Padre Manoel, que fazia muito tempo aqui na região. Contamos a história.

– “Para que vocês estão me contando isso tudo”?

Para ver se libertava pelo menos os presos que estavam lá dentro. Para ver se conseguia ao menos escapar os que estavam lá.

RRF - *Você voltou ao Pará, para trabalhar em outra fazenda?*

Ribamar: Não.

RRF - *E o que você fez da sua vida?*

Ribamar: O que eu fiz? Sempre trabalhei em fazenda, nesse serviço. Mas para lá não. Nunca mais eu fui. Só fazenda vizinha aqui mesmo no Mato Grosso.

RRF - *Você sempre conhecia o dono da fazenda?*

Ribamar: Conhecia. Pegava o serviço direto com o gerente.

RRF - *Você nunca mais quis cair na mão de “gato” ?*

Ribamar: Teve uma vez, eu fui de novo. Teve uma vez. Eu fui para Paraibana. Foi há cinco anos atrás.

RRF - *Você tratou o serviço com o empreiteiro ou com o gerente?*

Ribamar: Foi com um “gato”.

RRF - *E porque você foi?*

Ribamar: Por que eu fui? Nessa época eu era de maior. E fui para conhecer também. Querendo conhecer. Quando nós começamos a trabalhar a Polícia Federal chegou e fechou tudo. Na divisa de Rondônia.

RRF - *Você não estava com medo de sofrer novamente?*

Ribamar: Não tava com medo mais não. Porque por aí, se ficar pensando na vida assim [...] Agora sou mais experiente.

RRF - *E se for o Abilão, ou o Chicô? Você iria novamente?*

Ribamar: Se for com eles eu não vou mais.

RRF - *Sim... Você não sabia, chegou o Batista e te contratou. O Batista transferiu para o Abilão. Amanhã chega alguém aqui, que você não conhece e te contrata. Quando você chega na fazenda, descobre que é o Chicô ou o Abilão. O que você faz?*

Ribamar: Tem que conversar primeiro bem direito, não é?

RRF - *Você conversou lá.*

Ribamar: Conversei.

RRF - *Foi seguro.*

Ribamar: Fui seguro.

RRF - *O que a polícia foi fazer lá então, se estava tudo seguro?*

Ribamar: Não... A proposta que ele fez... Mas lá começou quase a mesma história. Aí o Federal foi lá e acabou. Parou com o serviço.

RRF - *Você está demonstrando que se pode conversar com o "gato" e, mesmo assim, ter problema?*

Ribamar: Não... Porque o negócio também eles estavam derrubando a mata sem tirar licença.

RRF - *Não era problema com peão? Peão estava sendo bem tratado?*

Ribamar: Sendo bem tratados. Eles estavam querendo derrubar árvore sem tirar licença. As motosserras estavam tudo sem documento. A polícia chegou e carregou tudo.

RRF - *Quando é que a gente tem certeza que o "gato" não vai colocar a gente na fria?*

Ribamar: As informações do "gato" depende de muito tempo. Mas não tem "gato" bom, não.

RRF - *Não tem "gato" bom?*

Ribamar: Tem "gato" bom não.

RRF - *E por que você foi?*

Ribamar: Eu não tinha dinheiro também. Por causa de dinheiro. A região aqui não está tendo serviço. Não tinha outro jeito. Por causa da precisão. [...]

BLB - *Lá em Rondônia...*

RRF - *Você veio embora sem receber nada.*

Ribamar: Sem receber nada. Fui lá... A polícia carregou a motosserra...

RRF - *Não tinha ninguém do Ministério do Trabalho, não?*

Ribamar: Tinha.

RRF - *Quem é que estava lá?*

Ribamar: Tinha três mulher...

RRF - *Valderez [fiscal do Grupo Especial de Fiscalização Móvel do Ministério do Trabalho] estava lá? .*

Ribamar: Estava. Estava o Ministério e a Polícia Federal.

RRF - *Trabalhou quantos dias lá?*

Ribamar: Quase dois meses.

RRF - *E recebeu?*

Ribamar: Eu já tinha pegado um dinheiro lá, mas...

RRF - *Mas você encontrou com a Valderez, com a turma?*

Ribamar: Encontrei.

RRF - *Falou com ela.*

Ribamar: Ela conversou como todo mundo. Todo mundo queria receber. Ela falou que ia receber.

RRF - *Certo. Então você não ia ter prejuízo.*

Ribamar: Não deu certo. Ia receber só o dinheiro do abono. Quatrocentos reais. Por isso não recebi.

RRF - *Mas nem sempre se recebe um abono tão bom, não é?*

Ribamar: Sim.

RRF - *Como chama esse "gato"?*

Ribamar: Donizete. É da região aqui. Mora na Confresa.

RRF - *Você conhece bem ele?*

Ribamar: Conheço.

RRF - *Agora, outras pessoas receberam. Você não recebeu. Essa turma daqui não recebeu. Teve outros peões que receberam alguma coisa?*

Ribamar: Teve outra turma que recebeu. A de lá.

RRF - *O pessoal que estava mais tempo trabalhando já tinha recebido?*

Ribamar: Tinha recebido.

RRF - *Ele assinou a carteira de vocês?*

Ribamar: Não.

BLB - *E na primeira vez, voltando à fazenda Volks...*

Ribamar: Já tem dois anos que recebi [A indenização da fazenda Vale do Rio Cristalino, determinada pela Justiça do Trabalho].

RRF - *E quanto recebeu?*

Ribamar: Cada um recebeu mil reais. Os cinco receberam. Demorou, mas está bom.

RRF - *Você tinha esperança de receber?*

Ribamar: Tinha. Sempre.

RRF - *Por quê?*

Ribamar: Eu achava porque é o seguinte: o pessoal que trabalha na CPT [Comissão da Pastoral da Terra] não deixa perder nada.

RRF - *Tem peão assassino, ladrão, encrenqueiro?*

Ribamar: Tem. Tudo isso tem.

RRF - *Tem peão que dá cano em [engana] "gato" ?*

Ribamar: Muito. Por isso que os outros pagam, não é?

RRF - *Ah é? Você acha que se não fosse por isso o "gato" ia ser bom?*

Ribamar: Não era bom. Mas a gente que foge e os que estavam dentro é que pagam.

RRF - *Mas quem foge, tem razão de fugir?*

Ribamar: Mas tem, ó...

RRF - *Quem deve, tem que pagar?*

Ribamar: Quem deve, tem.

RRF - *Mas se a dívida for injusta, um roubo?*

Ribamar: No caso é roubo...

RRF - *Algum dos cinco voltou a trabalhar em fazenda?*

Ribamar: Eu acho que ninguém voltou a trabalhar em fazenda, não. Só em fazenda aqui pertinho. Só o Raimundo tem terra. O outro rapaz trabalha em chácara: o parente do Zé dos Santos.

RRF - *O Zé Libório tinha terra quando adoeceu?*

Ribamar: Na época ele tinha terra. Ele mandou o pai dele vender a terra e mandar o dinheiro para ele tratar. Arrumou um dinheirinho para ele.

RRF - *Você chegou a se despedir dele?*

Ribamar: Não cheguei a despedir dele, nem ajudar porque eu não tava aqui [...] Quando fiquei sabendo ele já tinha ido.

RRF - *Nesse trabalho na fazenda havia muito pouca mulher. Aí você não podia namorar?*

Ribamar: Na época? Não. Eu era muito novo também.

RRF - *E algum dos outros tinha namorada?*

Ribamar: Os outros tinham.

RRF - *O Zé Libório?*

Ribamar: O Zé Libório tinha namorada. Sempre que saiu, tinha.

RRF - *Ele chegou a morar com alguma mulher?*

Ribamar: Não. Tinha uma mulher, mas a terra não dava muito também. Depois começou a melhorar, ele adoeceu.

RRF - *Na fazenda, qual era a função do chefe da turma?*

Ribamar: A função era comprar coisa na cantina. Combinava com o cantineiro, fazia a compra e nós trazíamos.

RRF - *la todo mundo junto fazer compra?*

Ribamar: Todo mundo.

RRF - *E qual a distância da cantina para o local de trabalho?*

Ribamar: Era na base de três quilômetros.

RRF - *E vocês banhavam em rio?*

Ribamar: Nós tomávamos banho no córrego.

RRF - *Como vocês ouviram falar da fazenda "Banco Mercantil"?*

Ribamar: Banco Mercantil? Na fazenda mesmo. Lá... Lá na Volks... Lá dentro da fazenda tinha pessoas que conheciam, lá.

RRF - *Quem?*

Ribamar: Eram peões, companheiros. Eles tinham trabalhado lá na mesma coisa.

RRF - *E o que eles falavam?*

Ribamar: A situação era do mesmo jeito que a fazenda Volks.

RRF - *Eles falavam de fatos ocorridos em 1982?*

Ribamar: É... Não tenho certeza, não. Mas era mais ou menos isso.

RRF - *Era uma fazenda famosa pela violência?*

Ribamar: Famosa pela violência também. [...]